

GILTy OR NOT GILTy: o reenquadramento da profissão de tradutor face ao evangelho da normalização

Fernando Ferreira-Alves

Universidade do Minho
falves@ilch.uminho.pt

Abstract: Este artigo pretende direccionar a sua atenção para o papel e a posição actuais da tradução em contexto profissional, analisando algumas das formas através das quais as estratégias de internacionalização e as abordagens sectoriais orientadas para a normalização se encontram, de certa forma, inseridas no próprio discurso sobre a teoria e prática da tradução e, em simultâneo, reflectidas na prática profissional através de uma abordagem politicamente correcta, alicerçada num discurso essencialmente normativo e orientado para a qualidade em sintonia com os requisitos estabelecidos pela indústria da linguagem. Pretende-se, por um lado, analisar de forma crítica o modo como as transformações radicais ocorridas no mundo da tradução e, em concreto, nas chamadas indústrias da linguagem, afectam o conceito de tradução profissional e a própria concepção de profissionalismo à luz das novas tendências que apontam para um crescente protagonismo da normalização e parametrização dos processos de trabalho/produção, sob o signo da globalização e internacionalização. E, por outro lado, verificar o modo como este discurso normativo encontra reflexo e/ou afecta a própria formação de profissionais competentes, analisando as respectivas implicações ao nível da (re)construção do perfil do novo “fornecedor de serviços de tradução”, bem como as transformações decorrentes de um eventual reenquadramento e redefinição da formação de tradutores em contexto de trabalho.

Key words: Tradução e Profissionalização / Translation and Professionalization
Normalização na Indústrias da Línguas / Standardisation in the Language Industry

All of us who are involved in the translation and localization world know perfectly well that we are in a deregulated industry, in which we institute our own standards, if they are not already imposed for us by our direct or end customers. We also know that every business has its own procedures, sometimes similar, and on other occasions absolutely the opposite. But all these procedures seek the same purpose: to achieve the translation or localization of a product with the highest possible quality.

Juan José Arevalillo Doval, Sócio-gerente da *Hermes Traducciones y Servicios Lingüísticos* e Presidente da Comissão Técnica espanhola para a Norma EN-15038, in “The EN-15038 European Quality Standard for Translation Services: What’s Behind It?”

Na génese do presente artigo, encontra-se outro texto da autoria de Pierre Cadieux, Presidente da i18N Inc. e Bert Esselink, intitulado “GILT: Globalization, Internationalization, Localization, Translation”, com o qual se pretende estabelecer diálogo,

e no qual os autores admitem um certo sentimento de culpa perante a incapacidade de definir correctamente os outros termos que, para além do próprio conceito de tradução em si, compõem o acrónimo em causa (GILT), reconhecendo, tal como Donald DePalma e Hans Fenstermacher, a impossibilidade de fixar convenientemente termos tão díspares e, ao mesmo tempo, tão voláteis como globalização, internacionalização e localização:

"we should perhaps feel a little GILTy that of the above four terms, only translation is generally well understood."

O avanço inexorável das chamadas indústrias da linguagem decorrente do surgimento do acrónimo GILT (G11n, I18n, L10n e Tradução) em finais do século XX, fenómeno caracterizado pela contínua digitalização e gestão de conteúdos que necessitam de ser disponibilizados globalmente de forma rápida e eficaz, pelo aumento da utilização das ferramentas electrónicas para a transferência linguística, pela emergência da tradução digital, pelo desenvolvimento de complexas redes de colaboração multilingue, pelos desmesurados investimentos em novas tecnologias orientados ou motivados por estratégias de globalização, especialização, diversificação e desenvolvimento internacional, pelo fornecimento dos chamados serviços integrados tipo "chave na mão" e, sobretudo, conforme defende Reinhard Schäler, pela transformação dos serviços de tradução num bem de consumo [... *the commoditisation of translation services*], (Schäler, 2005), afectou de forma inexorável e decisiva o papel, posicionamento e função do tradutor contemporâneo, com consequências ainda por explorar.¹

Por outro lado, o progressivo protagonismo das tecnologias de informação e comunicação, o desenvolvimento de soluções informáticas globais ao serviço da simplificação dos processos de análise e produção textuais, a ubiquidade das ferramentas de apoio à tradução e a contaminação global decorrente do cruzamento entre elementos de comunicação técnica e intercultural no domínio da tradução acabam por demonstrar uma ligação una e indivisível, intimamente relacionada com o conceito de metamorfose e transformação numa aldeia global ligada em rede desprovida de fronteiras estanques e lineares. Esta nova economia da produção de bens e serviços, ligada à actividade intelectual e, ao mesmo tempo, à produção e circulação da informação e consequente mercantilização do conhecimento (Caria, 2005: 29), pode ser explicada à luz das recentes transformações que implicaram uma profunda mudança no paradigma dos modelos de produção e organização do trabalho e a consequente transição para um modelo pós-fordista de produção mais flexível, caracterizado pela massificação da produção, organizado à escala global através de uma rede de ligações entre os diferentes agentes económicos, capaz de conciliar uma elevada produtividade com unidades de produção informatizadas e facilmente programáveis, susceptível de responder rapidamente às constantes alterações verificadas ao nível da procura (flexibilidade do produto) ou tecnologia (flexibilidade do processo).

Nas palavras de Michael Cronin, o pós-fordismo abre efectivamente caminho à era da chamada "lean production, time-to-market, flexitime, the horizontal corporation, the meteoric rise of sub-contracting and the exponential increase in advertising budgets" (Cronin, 2003: 12), onde se verifica, mais do que nunca, esta articulação entre informação e conhecimento, numa economia rígida que é, também ela, alvo das tensões entre o trabalho intelectual e as forças de produção, o espírito e a matéria, numa sociedade marcada pela "oposição bipolar entre *Net* (a rede) e *Self* (o indivíduo)", conforme

¹ Para uma definição mais completa dos conceitos em causa, ver Pym em "Globalization and Segmented Language Services" (2000a), "Globalization and the Politics of Translation Studies" (2003), "Localization: On its nature, virtues and dangers" (2005), e o mais recente "Localization, training and the threat of fragmentation" (2006), bem como o já supracitado artigo da autoria de Cadieux e Esselink.

diagnosticou Manuel Castells (Castells, 1996: 18). De facto, a actual cadeia de fornecimento de serviços de tradução é caracterizada por uma estrutura em rede, na qual a cooperação é uma parte essencial do trabalho no sentido de permitir o cumprimento e a execução dos serviços fornecidos. Para além de uma rede funcional e profissional, esta rede é também uma rede social e relacional marcada pelo hibridismo de processos e mediações (Caria, 2005: 37), caracterizada por interdependências estabelecidas a vários níveis e estruturadas ou hierarquizadas em diferentes patamares no âmbito do trabalho técnico-intelectual (Hermans e Lambert, 1998: 118).

Já em 1998 Frank Austerlind publicara um pequeno texto sobre o panorama da tradução na era da informação, convenientemente intitulado *Between Babel and Bytes - The Discipline of Translation in the Information Age*, onde analisava o crescimento exponencial da comunicação internacional e o efeito de bola de neve nos estudos de tradução resultante do significativo aumento da circulação da informação a nível mundial, da imensidão das redes de informação disponíveis, do número crescente de encontros interculturais e da contínua virtualização da vida empresarial e privada. Como resultado, apontava o autor, a revolução digital e a própria globalização dos fenómenos económicos, políticos, sociais e culturais teriam como consequência o aumento gradual das expectativas em termos das competências esperadas pelo novo profissional da tradução.²

Perante o dinamismo e a mutabilidade de uma profissão poucas vezes estudada do ponto de vista sociológico, e tantas vezes negligenciada em termos de enquadramento e contexto socioprofissionais, decidimos formular e responder às seguintes perguntas: “O que é traduzir hoje num contexto empresarial?”, por um lado, “Quais as competências e os requisitos essenciais para a inserção do tradutor num mercado de trabalho cada vez mais especializado, volátil e volúvel”? “Qual o nosso posicionamento teórico-prático face aos desígnios e constrangimentos de uma economia global que nos empurra para a massificação e fragmentação dos serviços de tradução”? E ainda, “Quais as consequências decorrentes das políticas de normalização dos serviços ao nível da prescrição de regras específicas de procedimentos e de conduta?” e, por último, “Qual o seu impacto (a montante e a jusante) ao nível da profissão do tradutor e, em última instância, em termos de formação de profissionais qualificados em sintonia com os preceitos impostos pelos receituários pré-embalados”?

Inserida numa espécie de “vácuo social” e bafejada pelo “turbilhão ciclónico da mudança”, conforme sustenta Don Kiraly (Kiraly, 2000: 20), a tradução, enquanto modelo empresarial ou de gestão de redes de actores³, evoluiu exponencialmente ao longo dos últimos anos, à medida que a informática e as novas tecnologias da informação e comunicação foram entrando gradualmente nas fases de concepção e desenvolvimento dos próprios processos e produtos, permitindo, desta forma, automatizar algumas rotinas de trabalho e oferecendo uma oportunidade clara e inequívoca de melhorar a oferta, em termos de qualidade, coerência, consistência, rapidez, tratamento e apresentação do produto final. Porém, paralelamente à sua crescente tecnificação e especialização, conforme definido por Miguel Núñez Ferrer, evoluíram também muitas das formas mais diversificadas e complexas de prestação desse serviço ao cliente. A tradução coloca-nos hoje desafios totalmente novos e inesperados, assumindo-se cada vez mais como um

² Ver, a propósito, Shreve (1999), para uma descrição mais aprofundada das razões subjacentes a esta transformação, como por exemplo, o aumento exponencial da actividade translatória, a crescente diferenciação das tipologias textuais e tipos de documentos, a explosão do domínio dos ecossistemas terminológicos ou terminologias especializadas, bem como os respectivos usos, resultantes da expansão e diversificação dos avanços científicos e tecnológicos, o crescimento exponencial dos meios de distribuição e a crescente digitalização da informação.

³ Recuperamos, para efeitos da presente comunicação, o conceito dos actores-redes proposto por Latour e Callon.

processo completamente tecnicizado e formatado, tendo adquirido uma nova dimensão e contornos que importa estudar.

O crescente desenvolvimento do fenómeno da internacionalização e o consequente aumento da reciprocidade dos contactos internacionais dentro das próprias organizações são, de acordo com Shreve (Shreve, 1999) e também Steyaert e Janssens (Steyaert e Janssens, 1997: 131 e 132), uma das principais características do mundo empresarial da década de 90 do século XX. A evolução e a especificidade dos contactos e a própria natureza e perfil dos prestadores de serviços, primeiramente no rescaldo da Segunda Guerra Mundial e, posteriormente, durante a Guerra Fria e, sobretudo ao longo das últimas décadas do século XX com os fenómenos de globalização à escala planetária, implicaram de forma profunda e, eventualmente, polémica, a redefinição do papel e função do tradutor nas sociedades modernas, não isenta de problemas e dificuldades. Traduzir hoje é, porventura, resolver o dilema entre o social, o técnico e o humano, uma exigente actividade profissional inserida no contexto da indústria das tecnologias da linguagem, num mercado altamente competitivo e selectivo, mas também movido e dinâmico, sociologicamente marcado pela fluidez e pela ausência de barreiras e fronteiras face à vertigem na transição entre dois séculos.

A Tradução Profissional: 4 dinâmicas subjacentes

Para efeitos de enquadramento do presente artigo, quisemos primeiramente centrar a nossa atenção na análise dessa espécie de "identidade profissional colectiva" definida por Anthony Pym em "Training Translators and European Unification: A Model of the Market" (Abril de 2000) e que parte da noção de um mercado estruturalmente fragmentado, que acaba por ser uma consequência lógica da globalização⁴ e, por inerência, da divisão verificada no seio daquilo que vulgarmente se designa como trabalho intelectual-profissional, conforme definido por Maria de Lurdes Rodrigues.⁵

Em particular, o nosso estudo encontra-se alicerçado na posição defendida por Hermans e Lambert, e mais tarde retomada por Anthony Pym (2006), segundo a qual é necessário redefinir o papel daquilo a que chamam "business translation" (tradução empresarial) no contexto dos estudos da tradução e, nesse sentido, abordar este novo fenómeno a partir da análise da organização social e dos processos de gestão em ambientes empresariais caracterizados pela prestação de serviços. É um facto que, por vezes, o domínio eminentemente profissional e empresarial parece ter sido esquecido no âmbito dos estudos de tradução e apagado de eventuais apresentações programáticas ou categorizações funcionais. Este carácter fugaz e praticamente invisível do fenómeno explica, em parte, a tendência para uma dispersão e fragmentação, traduzidas na forma como o mundo profissional tende a gerar os seus próprios grupos e subgrupos específicos e herméticos, preferindo um certo distanciamento prudente face aos círculos académicos, como se estes fossem incapazes de adaptar e integrar a componente empresarial nos seus currículos. Por conseguinte, estão criadas as condições necessárias para que nasça essa "terra de ninguém" (Hermans e Lambert, 1998: 114) que, ainda que de forma incipiente, pretendemos explorar através deste nosso modesto contributo, cientes da necessidade de reenquadrar os vários ângulos através dos quais a tradução é vista nesses domínios.

⁴ Ver, a propósito, artigo de Fernand Boucau sobre o mercado da tradução europeu "The European Translation Industry: Facing The Future (2005).

⁵ "grupos profissionais que, tendo uma qualificação escolar de nível superior, têm também uma potencial autonomia em contexto de trabalho que faz com que resistam, ou não estejam submetidos, à lógica dos processos de racionalização burocrática ou *taylorista* do trabalho nas organizações (Rodrigues, 1997: 66/67, citada em Caria, 2005: 20).

Chegados a este momento, pensamos ser possível detectar, desde logo, quatro pontos de contacto e quatro dinâmicas subjacentes que parecem ser transversais à prática profissional. Em primeiro lugar, a dinâmica da globalização, caracterizada por instâncias como o teletrabalho, *networking* ou trabalho em rede, a teletradução, mas também a mobilidade, o trabalho à distância e a aposta em novos conceitos e formatos tecnológicos, algo que, em última instância, implicará o surgimento de um novo perfil sociológico emergente, bem como a própria redefinição do conceito de profissionalização. Em segundo lugar, detectamos a própria dinâmica da tradução como um processo e, ao mesmo tempo, um produto, com os seus procedimentos e rotinas especificamente orientados para projectos definidos e feitos por medida conforme as solicitações e os cadernos de encargos propostos. Em terceiro lugar, consideraremos a dinâmica do ensino e da formação, na qual incluiremos, a montante, a aprendizagem de novas competências, saberes e aptidões profissionais e profissionalizantes, tal como todo o desenvolvimento de questões metodológicas e conceptuais adaptadas a uma situação real de comunicação profissional. Dadas as circunstâncias actuais em que o fenómeno da tradução se insere, esta dinâmica poderá eventualmente implicar a própria redefinição do paradigma da formação e, em última instância, alterar o processo de ensino-aprendizagem, através de novas propostas e novas metodologias pedagógicas fruto de uma visão formatada e orientada para o mercado. E, por último, propomos a análise da dinâmica empresarial, sobretudo recorrente quando assistimos ao crescente protagonismo das instâncias de normalização sectorial, mais concretamente, com a enorme atenção dedicada, nos tempos mais recentes, ao importante papel da cultura e linguagem empresariais oriundos da teoria da gestão, aliás um ponto frequente quando, por exemplo, somos confrontados com as normas e procedimentos aplicados, por exemplo, pelos profissionais da indústria da localização. A vertente empresarial é caracterizada pela concepção da tradução como um acto de gestão, conforme sustentado por Steyaert e Janssens (Steyaert e Janssens, 1997; 143) e pela cedência aos requisitos da normalização pela introdução e interiorização de normas, formatos, regulamentos e preceitos orientados para a gestão e avaliação dos processos, a decomposição, classificação e catalogação das fases da tradução, a gestão de projectos, a gestão e a avaliação da qualidade do produto final através de mecanismos de controlo e métricas díspares centrados na supervisão das rotinas do projecto especificamente direccionadas para agilizar a produção de artigos formatados.⁶

Em última instância, esta mesma dinâmica empresarial esconde, tal como defendem Hermans e Lambert, a necessidade de reconstruir a ética e a dinâmica do serviço de tradução empresarial, (Hermans e Lambert, 1998: 127), a importância crucial de integrar os tradutores nos objectivos e estratégias das próprias empresas numa atmosfera de diálogo e cooperação e, por outro lado, a adopção de um tipo de pensamento e filosofia empresariais estratégicos nos próprios currícula de formação de tradutores.

⁶ A dinâmica empresarial contempla os vários esforços de normalização industrial já citados como, por exemplo, os modelos de qualidade adoptados pela LISA ou a SAE J2450 da *Society of Automotive Engineers*, as normas ISO, Elf, ou ainda as normas da ASTM (*American Society for Testing and Materials*), bem como a obsessão por padrões rigorosos de aferição da eficiência, eficácia, produtividade ou mesmo dos níveis de satisfação do cliente. Ver, por exemplo, os esforços de normalização e estabelecimento de um código de boas práticas desenvolvidos pela LISA, um dos principais fóruns direccionados para as empresas envolvidas no fornecimento de serviços no âmbito das indústrias da linguagem (<http://www.lisa.org/>). Ou ainda a postura politicamente correcta marcada pela omnipresença das chamadas linguagens controladas, entre as quais encontramos os esforços de consolidação do Inglês Controlado, bem como os manuais de redacção técnica disponibilizados por algumas das principais empresas no ramo da redacção, produção e documentação textuais.

O reenquadramento do papel e função do tradutor

A tradução em contexto profissional é, por isso, e mais do que nunca, uma tarefa multidisciplinar com um elevadíssimo grau de especialização e rigor num ambiente também ele cada vez mais pluridisciplinar, caracterizado pelas dinâmicas e relações nem sempre claras, e nem sempre bem consolidadas entre os vários actores, a saber, o produtor (*producer*), o fornecedor (*provider*), o intermediário e o cliente ou consumidor/utilizador final.

O tradutor do século XXI é, antes de mais, um verdadeiro profissional da indústria da linguagem, ou melhor, utilizando a terminologia validada na recém-aprovada norma europeia de serviços de tradução, EN 15038, um fornecedor de serviços de tradução (*Translation Service Provider*), um técnico especializado envolvido numa estrutura de produção e prestação de serviços de qualidade cada vez mais profissional, rotinada e parametrizada que ultrapassa a sua mera componente linguística. Hoje, a tradução rege-se pelas leis do mercado, da oferta e da procura, pelos esquemas de produção industrial, pelos prazos cada vez mais apertados, pelas inevitáveis pressões de tempo, pelos níveis de produtividade diária e por padrões de qualidade que lhe conferem um estatuto híbrido no âmbito das ciências sociais e humanas.

Por isso, enquanto actividade que se insere no âmbito das indústrias da linguagem, hoje em dia, vamos assistindo gradualmente a uma completa redefinição do papel, função e conceito do tradutor, que se metamorfoseia para dar lugar a uma nova entidade multifacetada, versátil e polivalente, espécie de *homo transferens*, auto-consciente, dialogante, funcionalmente autónomo e socialmente emancipado pela dialéctica entre *ethos*, *logos* e *praxis*, recuperando algumas das noções propostas por Andrew Chesterman (Chesterman, 1995: 253).

No entanto, essa redefinição do papel, função e conceito do tradutor não ficaria completa se não considerássemos a sua incontornável dimensão profissional. Aliás, a própria definição do conceito de prática profissional encerra, tal como sustenta Daniel Simeoni, uma estrita e rigorosa sujeição a normas bem definidas (Simeoni, 1998: 6), ou melhor dizendo, "instrumentos de controlo" gradualmente interiorizados, que apenas são eficazes no âmbito desse subsector da sociedade em que o indivíduo ou a empresa se encontram profissionalmente activos e integrados. Neste caso, profissionalismo será, então, entendido como o fornecimento de um serviço de qualidade e excelência, regido por normas e procedimentos específicos e estandardizados, característicos de uma classe profissional no âmbito da sua *praxis*, em que prática será, conforme defendido por Andrew Chesterman, via Alasdair MacIntyre, "uma espécie de actividade humana cooperativa, coerente, complexa e socialmente estabelecida que, por um lado, envolve o desejo de melhoramento contínuo, e que, por outro, procura gerar uma sensação de satisfação, associada à noção de excelência (Chesterman, 2001).

Não admira, portanto, que um dos principais temas em debate na actualidade seja precisamente a definição de objectivos de qualidade (independentemente da aparente dificuldade em categorizar e definir essa mesma qualidade, tal como sustenta Juan José Arevalillo Doval), perfis de competências e acreditação profissional e a adopção de procedimentos de garantia, avaliação e certificação da excelência, nomeadamente através da tentativa de conferir um padrão, chancela ou certificado de qualidade à tradução, em conformidade com as normas ISO, vulgarmente aceites para a homologação dos sectores da indústria e do comércio.

A caracterização do perfil sociológico dos fornecedores de serviços de tradução e, por inerência, das referências e vectores que nos permitem detectar um conjunto, ainda que disforme e heterogéneo, de profissionais envolvidos na prestação de serviços similares, ganha outra consistência e profundidade, sobretudo quando analisada à luz da noção de "habitus", desenvolvida por Bourdieu a partir do conceito aristotélico de *hexis* e

transferida por Daniel Simeoni para o universo da tradução.⁷ Para efeitos da presente comunicação, "habitus" será entendido como:

"... a set of dispositions which incline agents to act and react in certain ways. The dispositions generate practices, perceptions and attitudes which are "regular" without being consciously coordinated or governed by "any" rule." (Bourdieu, citado em Simeoni, 1998: 17).

Enquanto parte integrante dos agentes sociais, a noção operacional de *habitus* afigura-se, portanto, como uma peça *pivot* em torno da qual giram os sistemas de ordem social, caracterizada por uma série de disposições, actos, comportamentos e atitudes que vão sendo desenvolvidos e inculcados através da formação e da aprendizagem, e que se consubstanciam numa determinada prática, neste caso profissional, acabando por se tornar como uma espécie de segunda natureza, socialmente moldada e socialmente integrada e ratificada, e que encerra em si uma determinada gama de competências e aptidões estruturadas de forma sistémica e organizada (Simeoni, 1998: 18-19).

Transpondo, entretanto, a noção de *habitus* para a tradução, verificamos como o processo e a acção social do tradutor, enquanto *locus* de tensão, acabam, em si, por implicar um aperfeiçoamento ou refinar de um determinado *habitus* social, e ao mesmo tempo um acto de servidão voluntário e não passivo (Simeoni, 1998: 21 e 23), simultaneamente estruturado e estruturante, constituído por competências desenvolvidas em torno de um domínio especializado, composto por regras e normas específicas, como por exemplo as "normas profissionais" e as "normas de expectativas", subprodutos das "translational norms" de Toury, e descritas por Andrew Chesterman precisamente como "um leque de normas que são validadas pelas instâncias e autoridades normalizadoras e pelos elementos constituintes do universo dos tradutores profissionais competentes" (Chesterman 1993: 3, citado em Simeoni, 1998: 23).

A propósito de normas para os serviços de tradução: A EN 15038

Num artigo sobre o poder e os efeitos da normalização, intitulado "Standards in the Language Industry", Sue Ellen Wright define as melhores normas como sendo "The ones you use all the time, but that you never even notice are there" (Wright, 2004). Uma norma é, por conseguinte, um documento que foi definido e redigido por consenso, e que foi aprovado por um organismo de certificação reconhecido, onde se encontram definidas as regras, orientações, directrizes ou critérios que, regra geral, são aplicados a uma determinada actividade, ou ao resultado dessa mesma actividade que pode ser replicado em série.

E, de igual forma, tal como refere Roger Chriss no seu artigo sobre Normalização e Acreditação, a indústria da tradução está actualmente sedenta de um determinado conjunto de definições fundamentais que consigam dar ao sector aquilo por que tanto desejou, ou seja:

"some simple, clear-cut, straight-forward definitions of what a translator is, what a translator does, how a translator should translate, what constitutes a good translation, what a translation agency is and does, and how translation agencies and translators, or translation employers and translators, should interact with each other, to name a few possibilities."

Todos sabemos a crescente importância e o impacto decisivo que a noção transversal de qualidade assumiu desde finais da década de 80 do século XX, sobretudo no âmbito do domínio industrial, e que se traduziu numa verdadeira febre de normalização característica dessa época, consubstanciada, segundo Juan José Arevalillo Doval (2005),

⁷ Ver, a propósito, Daniel Simeoni, em "The Pivotal Status of the Translator's Habitus" (Simeoni, 1998: 15).

na abundância de diferentes normas de qualidade emitidas no âmbito dos domínios mais díspares ao abrigo do chamado “guarda-chuva” das normas ISO, e que pretendiam, basicamente, definir critérios específicos e objectivos de aferição e avaliação das práticas e processos industriais de forma a assegurar a maior qualidade possível do produto, e no âmbito dos quais a tradução estaria incluída por inerência.⁸

Tendo como base esse desígnio comum, a norma europeia EN 15038 foi desenvolvida, como um projecto orientado para a noção de qualidade, no seio do CEN (Comité Europeu de Normalização) através do seu grupo de trabalho CEN/BT/TF 138 “Serviços de Tradução”, constituído por cerca de 50 representantes de vários organismos europeus de normalização e actores envolvidos no processo de tradução, visando, *grosso modo*, desenvolver uma norma que, de certa forma, reproduzisse a ISO 9000:2000, permitindo a certificação dos serviços de tradução em conformidade, através de um processo de auditoria independente. Assim sendo, a norma pretendia complementar a ISO 9001, não se limitando apenas a certificar a existência de um sistema de gestão da qualidade, mas também a implementação e o cumprimento de uma série de requisitos e procedimentos necessários, em que a tónica seria colocada no produto e na elevada qualidade do serviço prestado pelos próprios TSPs.

Relativamente à norma europeia para os serviços de tradução, numa comunicação intitulada “Meeting the requirements of the new CEN standard: future challenges for cooperation”, apresentada na 1ª conferência da EUACT, Marcel Thelen identificava uma consonância de perspectivas que visavam uniformizar as práticas da indústria e profissão, tendo como pano de fundo a questão da acreditação profissional e o desenvolvimento de métricas susceptíveis de aferir e regular os padrões de desempenho dos profissionais do sector, orientados pelo evangelho da qualidade, de forma a contribuir para a eventual clarificação de questões relacionadas com a profissionalização dos serviços. Ainda a este propósito, noutra comunicação apresentada na mesmo evento, Miguel Núñez-Ferrer enumerava igualmente alguns dos principais motivos e objectivos subjacentes à implementação da norma, nomeadamente o aumento da consciencialização, sensibilização e transparência na oferta, a maior clareza nas relações entre o cliente e o

⁸ Em finais do século XX e princípios do século XXI coexistiam, na Europa, várias normas aplicadas ao processo de tradução e que, regra geral, visavam estabelecer os requisitos necessários para a definição e cumprimento de padrões de qualidade específicos, ao mesmo tempo que, de certa forma, influenciaram o próprio processo de elaboração e redacção da actual norma EN 15038, e que permitem a sua contextualização e enquadramento, a saber:

- A norma italiana *UNI 10574* que define os requisitos de serviço e as actividades a implementar pelas empresas que oferecem serviços de tradução e interpretação;
- A norma austríaca *Önorm D 1200* que abrange os serviços de tradução e interpretação, os requisitos que regem a oferta de serviços, bem como os próprios serviços em si e a respectiva contratualização;
- A norma alemã *DIN 2345*, publicada em 1998 pelo *German Institute for Standardization*, e que abrange os serviços de tradução, os contratos que regem o fornecimento de serviços e os respectivos procedimentos de trabalho utilizados, sob a forma de uma declaração de conformidade;
- A norma holandesa *Taalmerk* que engloba os serviços de tradução em geral;
- A norma internacional *ISO 12616* que regulamenta a terminografia aplicada à tradução, cujo objectivo consiste em reunir e registar dados terminológicos de forma a facilitar as tarefas de tradução.

Refira-se, entretanto, que estas normas faziam referência ao processo de tradução em geral, e não ao produto desse processo, isto é, a tradução em si, como é o caso do modelo de avaliação e certificação da qualidade proposto pela LISA ou ainda a SAE J2450, resultado dos esforços desenvolvidos pelo *Translation Quality Metric Task Force*, grupo de trabalho para o estudo e desenvolvimento de um sistema de avaliação da qualidade das traduções, especificamente direccionado para a qualidade das publicações produzidas no domínio da indústria automóvel norte-americana.

fornecedor/prestador de serviços de tradução, a definição clara do âmbito e abrangência das relações estabelecidas e, ao mesmo tempo, o estabelecimento de parâmetros claros de regência dos procedimentos profissionais, o estabelecimento de regras claras ao nível da relação entre as empresas de tradução e os tradutores individuais que com elas trabalham em regime de colaboração ou subcontratação e, por último, um melhor entendimento das tarefas envolvidas na definição e prestação de um serviço de tradução de elevada qualidade, fomentando e desenvolvendo, ao mesmo tempo, uma cultura organizacional colaborativa entre as empresas aderentes aos seus requisitos normativos.⁹

Um dos pontos transversais ao nosso trabalho reside precisamente no supracitado documento “Norma sobre os Serviços de Tradução EN 15038”, entretanto já aprovado, e cuja implementação irá, por certo, revolucionar a profissão e a formação de tradutores. Nela encontramos alguns pontos de interesse que importa equacionar a montante e a jusante. Desde logo, e à partida, o próprio conceito de tradutor acaba por ser totalmente redefinido através da introdução da nomenclatura TSP ou *Translation Service Provider* (Fornecedor de Serviços de Tradução), ou seja, “person or organisation supplying translation services” (EN 15038:2006, alínea 2.18, pág. 6) e, sobretudo, estabelecendo a distinção entre esse *translation service provider* (TSP) e o *tradutor*, este último como “person who **translates** (2.17), no sentido simplificado de “render information in the **source language** into the **target language** in written form.” (EN 15038:2006, alínea 2.17, pág. 6).

A norma europeia especifica ainda os requisitos básicos para o TSP (*Translation Service Provider*) relativamente aos recursos técnicos e humanos, gestão e política ou práticas de qualidade, gestão de projectos, estrutura contratual, a relação cliente/TSP, bem como os procedimentos envolvidos na prestação de um serviço de qualidade, abordando parâmetros e rubricas diferenciadas, como, por exemplo: serviços de valor acrescentado, *locale*, linguagens controladas, gestão de projectos, gestão da qualidade, pré-edição, pós-edição; *checking*, *reviser/proofreading*; *reviewer/review*, *project registration details* ou diário do projecto, *project registration*, *project assignment*, guia de estilo, entre outros.

De igual forma, a norma EN15038 para os Serviços de Tradução estabelece toda uma série de requisitos básicos necessários para o perfil do futuro tradutor, nos quais são incluídas e descritas algumas valências e competências como, por exemplo, Gestão dos recursos humanos, Competências profissionais, Competências translatórias, Competência linguística e textual na LP e LC, Competência de investigação, aquisição e processamento da informação, Competência cultural, Competência interpessoal, Competência técnica e Competências profissionais.

Normalização e Profissão: Algumas preocupações, constatações e perplexidades

⁹ Para além da vasta genealogia da norma EN 15018, que inclui documentos como a ISO 1087:2000, orientada para a terminologia, a EN ISO 9000:2005, orientada para os sistemas de gestão da qualidade, a ISO 12615/2002, vocacionada para a terminografia, a EN ISO/IEC 17000:2004, ligada aos sistema de avaliação da conformidade e respectivos guias ISO/IEC orientados para os sistemas de certificação de produtos, a norma é apresentada genericamente da seguinte forma na sua introdução:

The purpose of this European standard is to establish and define the requirements for the provision of quality services by translation service providers.

It encompasses the core translation process and all other related aspects involved in providing the service, including quality assurance and traceability.

This standard offers both translation service providers and their clients a description and definition of the entire service. At the same time it is designed to provide translation service providers with a set of procedures and requirements to meet market needs.

Conformity assessment and certification based on this standard are envisaged.

Muitas são as perguntas e muitas as interrogações e perplexidades que a recente adopção da norma nos coloca. E muitos os desafios que a sua implementação nos suscita, a montante e a jusante, como atrás referimos. Antes de concluirmos a nossa apresentação, e longe de querermos assumir uma postura prescritiva e dogmática ou fundamentalista, propomos alguns tópicos e contributos para repensar a profissão de tradutor em contexto de trabalho.

Quais serão, efectivamente, os resultados deste processo de normalização e acreditação? Confusão conceptual? Sistematização terminológica? Regulamentação do mercado? Um maior nivelamento da oferta de serviços? Melhores oportunidades salariais para os tradutores *freelance* ou contratados? A separação do trigo do joio? Um sistema assente na meritocracia? E será que o cliente conferirá especial atenção ao facto de o tradutor ser acreditado e a tradução certificada?

Estaremos perante uma panóplia de ofertas de trabalho mais diversificadas e atraentes? Ou condenados a uma fragmentação do trabalho com inegáveis consequências nefastas ao nível do conceito de profissionalismo? Serão os tradutores capazes de sobreviver aos avanços da indústria e aos processos de reestruturação empresarial? Ou será possível agilizar os procedimentos e normas de trabalho? Estará o tradutor condenado a transformar-se num mero autómato, simples reproduzidor de rotinas pré-especificadas e com pouca autonomia e reconhecimento? Ou assistiremos ao apagamento da função do tradutor e ao surgimento de uma nova entidade híbrida, polivalente e multifacetada, adaptada às novas necessidades e exigências do mercado? E como reagirá o tradutor à crescente mecanização da sua “arte”? Desenvolvendo novas competências e aptidões?

E será que a normalização dos serviços de tradução estará condenada a transformar-se, tal como refere Roger Chriss, num mero exercício fútil que apenas serve para complicar o sector? E, já agora, será que um tradutor certificado segundo a norma é, por inerência, um tradutor mais profissional do que os restantes? E, por último, quais os reais efeitos ao nível da profissionalização?

Relativamente ao mercado da tradução, e com base nos vários estudos publicados até à data, verifica-se uma acentuada instabilidade e descontrolo sectoriais, decorrentes do maior interesse e interferência crescente dos chamados “outsiders” no mundo da tradução, conforme comprova o relatório do Banco Mundial sobre a Tradução de 2004. Nos vários relatórios e estudos publicados sobre o mercado e a profissão, entre os quais situamos o já citado relatório de Fernand Boucau sobre o mercado da tradução europeu, a linguagem utilizada para classificar o actual *status quo* inclui termos como difícil, volátil e volúvel, mas também dinâmico e mutável, ou ainda fragmentário, dispersivo e micro-concentrado (Boucau, 2005).

Neste processo de transformação em curso, as empresas de tradução deixaram de ser apenas formadas por linguistas, assumindo-se mais como entidades multifacetadas, onde os domínios da Engenharia, Economia, Informática, Gestão, Marketing e Comunicação multimédia e multilingue vão conquistando gradualmente o seu espaço. Paralelamente, temos vindo a assistir a uma progressiva alteração do ambiente de trabalho e do perfil profissional do tradutor, em parte pela entrada de indivíduos sem formação linguística específica e pela própria expansão do mercado e crescimento da oferta e da procura, graças à diversificação dos produtos aliados aos serviços de tradução.

Cada vez se traduz mais, mas a verdade é que a profissão se encontra cada vez mais espartilhada, algo que é directamente proporcional ao aumento dos utilizadores, do volume de trabalho e da maior abrangência temática, textual e linguística. Esta expansão acaba por produzir efeitos visíveis em termos de produtividade, rapidez, cumprimento de prazos, especialização e, em última instância, com inegáveis consequências ao nível da

qualidade, exigência e rigor, a par de uma maior exposição e protagonismo por parte dos actores envolvidos.

Vários críticos, entre os quais se inclui Anthony Pym, de certa forma já nos têm vindo a alertar para as eventuais consequências imprevisíveis de uma tendência que privilegia, por exemplo, uma quase obediência cega ao dogma da localização. A título de exemplo, graças à segmentação do trabalho, os textos correm, nomeadamente, o risco de se transformarem em simples “objectos de informação” (Pym, 2005), perdendo a sua referencialidade e, sobretudo, a sua linearidade, ultrapassando os próprios limites e condicionalismos contextuais da língua de partida. Esses “moving texts”, textos em fluxo, fluídos e ambivalentes, perdem de certa forma, e tal como o próprio indivíduo, a sua identidade e autonomia, mergulhados nessa dispersão fracturante e fragmentária face à ausência de barreiras visíveis que transforma a produção textual numa tarefa de criação de fragmentos (*chunks*) desarticulados não lineares, em permanente fase de actualização e modificação constantes, desenraizados e isolados em relação à sua origem. Para além disso, é inegável o risco da rotinização e mecanização dos processos, acabando por relegar o tradutor para uma situação marginal e residual, enquanto mera peça de uma engrenagem mais complexa. O produtor do discurso deixa de se assumir como uma entidade específica fixada num local (melhor dizendo, *locale*) e tempo concretos, o que pode gerar problemas autorais, nomeadamente ao nível do próprio apagamento do autor, face aos constantes desígnios de domesticação do texto (Pym, 2005).

Diariamente são criados verdadeiros nichos de mercado resultantes da fragmentação e dispersão profissionais das chamadas profissões ligadas à indústria da linguagem. Acto contínuo, o tradutor começa a ser cada vez mais remetido para a periferia dos processos de produção e controlo do trabalho, perdendo a sua identidade, autonomia e auto-reflexividade, vendo-se relegado para uma posição de maior isolamento em termos socioprofissionais. Por outro lado, é ainda difícil prever o real impacto da progressiva intervenção das ferramentas de apoio à tradução (memórias de tradução incluídas) e, em concreto, das consequências da introdução da tradução automática no sector, como instância facilitadora e simplificadora das rotinas de produção associadas às linguagens naturais. Corremos o risco de assistir a uma contínua desvalorização do papel e função dos tradutores que são continuamente vítimas dessa espécie de “info-exclusão” particular, marcada pelo fosso ou desfasamento tecnológico-industrial, ante a incapacidade de acompanhar a vertigem e a voracidade das mudanças ocorridas nos sistemas de produção. Enquanto, em simultâneo, vai ocorrendo a sua progressiva separação das componentes mais lucrativas no domínio das TI (Tecnologias da Informação), fruto dos processos de localização, bem como das técnicas e competências mais humanizadas relacionadas com as áreas do *marketing* e relações públicas, por exemplo. Relativamente à prática translatória, poderão porventura surgir eventuais problemas resultantes da lenta desumanização dos processos ao longo de uma vasta cadeia de montagem complexa e hierarquizada. Convertido num simples técnico formatado, o tradutor poderá estar condenado, em última instância, a perder o controlo sobre o produto do seu trabalho. E, por conseguinte, poderão aumentar os níveis de subserviência e subalternidade de uma profissão já de si desequilibrada em termos de relações de poder e reconhecimento profissional.

Que futuro para a formação no âmbito da normalização?

Perante o actual panorama, é inegável que, partindo da definição de padrões de qualidade claros e rotinas específicas, os processos de normalização poderão contribuir positivamente para a promoção e reenquadramento do próprio conceito de “profissionalização”, embora seja sempre aconselhável adoptar uma postura crítica e prudente face ao avanço inexorável desses instintos normalizadores.

Assim sendo, e perante esta nova configuração do perfil e função do tradutor, parece-nos que a formação terá de ser o mais polivalente e versátil possível, bem como suficientemente multifacetada, integrada e multimodal, orientada para as novas profissões-satélite ou extensões do trabalho do tradutor, e convenientemente aberta e disponível de forma a resolver o problema da equação especialista/generalista, técnico/social/humano. Se o objectivo é formar aquilo que Christiane Nord designa como "tradutor funcional" (Nord, 2005: 210 e 211), ou seja, um tradutor profissional, caracterizado pela consciência de que a tradução, hoje, é utilizada nos mais variados contextos comunicacionais e situacionais, exigindo a capacidade de articular o conhecimento profissional com as adequadas valências sociais e aptidões técnico-funcionais, competências metacognitivas, competências interculturais, capacidade de resistência ao *stress*, auto-reflexividade, auto-estima, auto-confiança, autonomia e realização profissional, apenas um tipo de formação equilibradamente diversificada e compatível com as exigências pessoais e profissionais do tradutor poderá responder às solicitações do mercado, onde o indivíduo é confrontado com a dinâmica da gestão de projectos, a gestão de recursos humanos e materiais e, sobretudo, com dinâmicas de socialização e aplicação de um saber-fazer específico. Nesse sentido, uma perspectiva multi e interdisciplinar afigura-se como uma opção sensata no sentido de dotar o tradutor de uma série de estratégias e soluções que permitam a sua integração e adaptação face aos contextos de trabalhos mais diversificados, caracterizados pela heterogeneidade social, abrangência do leque de opções linguísticas, especialização temática e conceptual e diversificação e complexidade tecnológicas.

No fundo, uma formação interactiva e pró-activa mais humanizada, centrada no indivíduo enquanto pessoa e, ao mesmo tempo, profissionalizante e orientada para a qualidade, a ética e a deontologia, capaz de recuperar uma cultura técnica de ofício, enquanto saber-fazer e saber-estar inscritos em contextos de interacção social. Uma formação capaz de obedecer aos imperativos e exigências da actividade profissional e, simultaneamente, conciliar os quatro desafios subjacentes a uma ética de profissionalização, ou seja, aprender a ser (indivíduo), aprender a conhecer, (conhecimento), aprender a fazer (técnica) e aprender a conviver (social).

Parece-nos ser esta a chave para a profissão que queremos, sobretudo quando muita da literatura mais recente (Pym, 2005 e 2006, e Thomson-Wohlgemuth, 2004, entre outros), parece redireccionar a nossa atenção para o papel do elemento humano, das pessoas e dos comportamentos no processo de tradução, sobretudo face ao carácter omnipresente e normativo dos padrões industriais, centrados exclusivamente no valor das suas qualidades funcionais e técnicas.

Bibliografia:

- Austermuhl, Frank, "Between Babel and Bytes: The Discipline of Translation in the Information Age". [Em linha] (1998) [Consult. 17 de Julho de 2006]. Disponível em <http://gandalf.aksis.uib.no/AcoHum/abs/Austermuehl.htm> .
- Boucau, Fernand, "The European Translation Industry: Facing The Future", [Em linha] Comunicação apresentada durante a 1ª conferência da EUATC, Bruxelas, 2005. [Consult. 17 de Julho de 2006]. Disponível em <http://www.euatc.org/conferences/pdfs/boucau.pdf>.
- Cadieux, Pierre e Esselink, Bert, "GILT: Globalization, Internationalization, Localization, Translation", [Em linha] (2004) [Consult. 17 de Julho de 2006]. Disponível em <http://www.translationdirectory.com/article127.htm> (2004).
- Caria, Telmo, *Saber Profissional*, Livraria Almedina, Coimbra, 2005.
- Castells, Manuel, *The Rise of the Network Society*, Blackwell, Cambridge, MA, Oxford, UK, 1996.

Chesterman, Andrew, "Proposal for a Hieronymic Oath", 2001, *The Translator* 7, 2, 2001, 139-154.

Chesterman, Andrew, "The successful translator: the evolution of *homo transferens*", 1995, *Perspectives: Studies in Translatology*, University of Copenhagen, Denmark, 1995:2, 253-270.

Chriss, Roger, "Accreditation and Standards in the Translation Industry". [Em linha] (s/d) [Consult. 17 de Julho de 2006]. Disponível em <http://www.translationdirectory.com/article40.htm> (s/d).

Cronin, Michael, *Translation and Globalisation*, Routledge, London, 2003.

Doval, Juan José Arevalillo, "The EN-15038 European Quality Standard for Translation Services: What's Behind It?", [Em linha] (2005) [Consult. 17 de Julho de 2006]. Disponível em <http://www.translationdirectory.com/article472.htm> (2005).

Hermans, Johan e Lambert, José, "From translation markets to language management: the implications of translation services", 1998, *Target* 1998 10 (1) 113-132.

Kiraly, Don, *A Social Constructivist Approach to Translator Education. Empowerment from Theory to Practice*, Manchester, St. Jerome Publishing, 2000.

Nord, Christiane, "Training functional translators". In *Training for the New Millennium*, Martha Tennent (ed.), 2005, 209–223.

Norma europeia En 15038 – Translation Services – Service Requirements (Versão de Maio de 2006).

Núñez-Ferrer, Miguel, "Translation Services – Service Requirements (pr EN 15038)". [Em linha] Comunicação apresentada durante a 1ª conferência da EUATC, Bruxelas, 2005. [Consult. 17 de Julho de 2006]. Disponível em <http://www.euatc.org/conferences/index.html>.

Pym, Anthony, "Training Translators and European Unification: A Model of the Market". [Em linha] (2000) [Consult. 17 de Julho de 2006]. Disponível em http://europa.eu.int/comm/translation/theory/lectures/2000_tp_pym.pdf.

Pym, Anthony, "Globalization and Segmented Language Services". [Em linha] (2000a) [Consult. 17 de Julho de 2006]. Disponível em <http://www.tinet.org/~apym/online/segmentation.htm>.

Pym, Anthony, "Globalization and the Politics of Translation Studies", [Em linha] (2003) [Consult. 17 de Julho de 2006]. Disponível em http://www.tinet.org/~apym/online/globalization_canada.pdf.

Pym, Anthony, "Localization: On its nature, virtues and dangers". [Em linha] (2005) [Consult. 17 de Julho de 2006]. Disponível em <http://www.tinet.org/~apym/online/translation.html>.

Pym, Anthony, "Localization, training and the threat of fragmentation". [Em linha] (2006) [Consult. 17 de Julho de 2006]. Disponível em <http://www.tinet.org/~apym/online/translation.html>.

Schäler, Reinhard, *GUI Localisation Workshop*, Consortium for Training Translation Teachers (CTTT) in cooperation with the Intercultural Studies Group and the Institute of Arts and Humanities at the Universidade do Minho, Technology for Translation Teachers Braga, Portugal, 27 Junho – 01 de Julho de 2005.

Shreve, Gregory, *Translation at the Millennium: Prospects for The Evolution of a Profession*, [Em linha] 30th Anniversary Conference of the Monterey Institute for International Studies Graduate School of Translation and Interpreting, Monterey, California, January 11, 1999. [Consult. 17 de Julho de 2006]. Disponível em <http://appling.kent.edu/ResourcePages/Courseware/ProjectManagement/Readings/Translation%20at%20the%20Millennium.html>.

Simeoni, Daniel, "The Pivotal Status of the Translator's Habitus", 1998, *Target* 10:1, 1998, 15.

Steyaert, Chris e Janssens, Maddy, "Language and Translation in an International Business Context: Beyond an Instrumental Approach", 1997, *Target* 1997 9 (1) 131-154.

Thelen, Marcel, "Meeting the requirements of the new CEN standard: future challenges for cooperation", [Em linha] Comunicação apresentada durante a 1ª conferência da EUATC, Bruxelas, 2005. [Consult. 17 de Julho de 2006]. Disponível em <http://www.euatc.org/conferences/pdfs/thelen.pdf>.

Thomson-Wohlgemuth, Gaby e Thomson, Ian, "Acquiring capabilities in translation: towards a model of translation businesses", 2004, *Target* 2004, 16, (2)253-288.

Wright, Sue Ellen, "Standards for the Language Industry", [Em linha] Comunicação apresentada no seminário "Terminology, Computing & Translation", University of Swansea, 26-27 March, 200. [Consult. 17 de Julho de 2006]. Disponível em <http://www.swan.ac.uk/french/Terminology-2004/presentations/sue-ellen-wright.pdf>.